



II Jornada Discente de Comunicação: Pesquisa em tempo de crise

O SERTANEJO, A GUERRA, A SECA E A CHUVA: entre Literatura e Cinema

Ronald Souza de Jesus¹

RESUMO: Esta apresentação propõe a observação do Sertanejo em trechos de três livros e de três longas-metragens, sob três tipos de eventos: a guerra, a seca e a chuva. Os filmes são: *Os fuzis*, *Vidas Secas* e *Guerra de Canudos*. Os livros são *O quinze*, *Vidas Secas* e *Os sertões*.

Palavras-chave: Cinema; Literatura; Sertão; Estética da Fome.

No final do século XIX o Sertão baiano foi cenário de uma guerra entre civis e militares que tinha como pano de fundo a resistência dos habitantes aos pagamentos de impostos e a insubmissão ao autoritarismo, durante a instauração da República. Na época, Euclides da Cunha registrou, em *Os sertões*, parcela dessa guerra e os perfis de seus personagens. Na obra *O quinze*, de 1930, Rachel de Queiroz também retrata o Sertão. Ali, a autora remete a grande seca de 1915, relatando a estiagem e a chegada da chuva. No ano de 1938, Graciliano Ramos publicou *Vidas Secas*, no qual narra trajetos de Fabiano e Sinhá Vitória, juntamente com seus dois filhos e a cachorra Baleia, em meio a paisagem seca. Se esse espaço e essas histórias foram representativas na Literatura daquele período, podemos dizer o mesmo sobre o Cinema a partir dos anos 50, em especial, no Cinema Novo. Daquele momento, podemos citar *Os fuzis* (1964) e *Vidas Secas* (1963) como exemplo da Estética da Fome (ROCHA, 2004). *Vidas Secas* é, também, um exemplo de relação entre Literatura e Cinema. Em 1996, tivemos a realização do filme *Guerra de Canudos* (1997), uma dramatização inspirada nos fatos e em documentos escritos. Essa proposta busca demonstrar como a Literatura e o Cinema retrataram o Sertão e o Sertanejo em situações críticas - como a seca e a guerra - e situações de alívio, como a chuva, que, nas palavras de Rachel de Queiroz, veste a terra de esperança. A metodologia adotada tem como base a crítica literária (Massaud, 2007), a crítica genética (SALLES, 2008) e a análise filmica (CASETTI; DI CHIO, 1991). O referencial teórico conta, principalmente, com Glauber Rocha (2004) e Ismail Xavier (2007),

¹Bolsista CAPES de Doutorado. Discente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Brasília - UnB. Linha de Pesquisa Imagem, Som e Escrita. Orientadora: Prof. Dra. Tânia Montoro. E-mail: fotoronald@hotmail.com



II Jornada Discente de Comunicação: Pesquisa em tempo de crise

sobre a estética da fome; Bakhtin (1997), sobre a criação verbal; Robert Stam (2006), sobre literatura e Cinema; e Bachelard (2013, 2013a), sobre questões do imaginário. Os resultados parciais desse estudo apresentam o Sertão árido e o Sertanejo rústico do imaginário popular, apontando algumas participações do Cinema e da literatura na construção desse modelo. A partir dessas convenções, entendidas como fundo histórico para a compreensão do Sertanejo contemporâneo, é possível pensar sobre como as linguagens do espaço e do sujeito podem se reconfigurar de acordo com as mudanças de época e contexto, incluindo as lutas, crises e situações por eles enfrentadas. Visualmente, os três filmes citados exploram bastante a linha do horizonte, que suscita o tamanho da jornada dos personagens e suas dificuldades, como uma caminhada rumo a algo distante. Nos filmes do *Cinema Novo* há ainda um acréscimo na intensidade da luz que causa desconforto e apresenta uma prova de como seria o ato de estar diante daquelas paisagens e situações, presencialmente. Em um sentido social, todos os três filmes lidam com a temática da fome e do poder do estado, em especial *Os fuzis*, onde os militares fazem o controle do estoque de comida, e *Guerra de Canudos*, onde exércitos militares são enfrentados por civis. Nesse último caso, é interessante observar, ainda, a transposição da história real para a trama cinematográfica, que conta com o intermédio de documentos jornalísticos e literários referentes aos eventos do final do século XIX, que descrevem tanto o cenário do sertão quanto a figura dos sertanejos e seus arquétipos, a exemplo do personagem Antônio Conselheiro. Assim, o retirante, o religioso e o vaqueiro são estabelecidos como figuras caricatas do Sertão. Se expandido o *corpus*, é possível incorporar ainda nesse conjunto imaginário as figuras dos Cangaceiros e de seus bandos. Essas construções de imaginário agem em consonância com o alicerce que a literatura aqui citada vinha construindo, sendo que, entre os livros selecionados, apenas *O quinze* não tem relação direta com os filmes, sendo o único, no entanto, a ter em seu desfecho o alívio trazido pela chuva.



II Jornada Discente de Comunicação: Pesquisa em tempo de crise

Referências

BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos**: Ensaio sobre a imaginação da matéria. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

_____. **A terra e os devaneios da vontade**: Ensaio sobre a imaginação das forças. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013a.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997

CASETTI, Francesco; DI CHIO, Federico. **Cómo analizar un filme**. Barcelona: Paidós, 1991.

CUNHA, Euclides da. **Os sertões**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

QUEIROZ, Rachel de. **O quinze**. São Paulo: Siciliano, 1993.

RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. Rio de Janeiro: Record, 2013.

MOISÉS, Massaud **A análise literária**. São Paulo: Cultrix, 2007.

_____. **Teoria e prática da adaptação**: da fidelidade à intertextualidade. In: Ilha do Desterro (UFSC), v. 51, p. 19-53, 2006.

ROCHA, Glauber. **Revolução do Cinema Novo**. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

SALLES, Cecília Almeida. **Crítica genética**: fundamentos dos estudos genéticos sobre o processo de criação artística. São Paul o: EDUC, 2008

XAVIER, Ismail. **Sertão Mar**: Glauber Rocha e a estética da Fome. São Paulo: Cosac Naify, 2007.